

## CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO PAMPA: A REVITALIZAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL.

ALEXANDRE DOS SANTOS VILLAS BÔAS\*

HELOÍSA HELENA FERNANDES DA COSTA\*1

Este artigo é fruto das pesquisas para a dissertação que terá como temática a implantação do Centro de Interpretação do Pampa, espécie de museu temático ligado a um território específico, o pampa gaúcho. Pretendemos aqui, apresentar um pouco do projeto em si, correlacioná-lo com a história da cidade onde será construído e relatar possíveis problemáticas envolvidas neste processo, no que tange ao papel da comunidade e sua inserção na utilização deste espaço.

O Centro de Interpretação do Pampa (CIP) é um órgão complementar da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), localizado na cidade de Jaguarão – RS, e está sendo construído no local onde se encontram as ruínas de uma antiga enfermaria militar datada do final do século XIX, a qual foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no ano de 2011.

A finalidade do CIP será a de agregar as funções de museu, de centro de pesquisa e cultura, com apresentação de exposições sobre a temática do bioma pampa, desde sua formação geológica até a sua ocupação humana, além de integrar também anfiteatro a céu aberto e auditório subterrâneo. Sua idealização foi feita pela Prefeitura Municipal de Jaguarão e viabilizada numa parceria entre a UNIPAMPA e o IPHAN, com recursos do Programa de aceleração do crescimento (PAC) cidades históricas.

O projeto do Centro de Interpretação do Pampa é tributário da tendência que podemos denominar de **regionalismo crítico**, preocupada em integrar o projeto arquitetônico às características geográficas e culturais da região em que está inserida. Segue a tradição da

---

\*Universidade Federal de Santa Maria, Mestrando em Patrimônio Cultural.

\*Universidade Federal da Bahia, Doutorado em Sociologia da Cultura pelo Université du Québec à Montréal, Canadá(2000)

arquitetura moderna, mas desvincula-se do dogmatismo inicial do movimento modernista, utilizando seus postulados e moldando-os ao local.

*O termo Regionalismo crítico não pretende denotar o vernáculo do modo como este foi, outrora, produzido espontaneamente pela interação combinada de clima, cultura, mito e artesanato, mas antes pretende identificar as “escolas” regionais recentes, cujo objetivo principal tem sido refletir os limitados elementos constitutivos nos quais se basearam e servir a eles (FRAMPTON, 2012:381)*

A existência de um prédio anterior, mesclado com as características geográficas da região da campanha gaúcha propiciou a abordagem do regionalismo crítico como solução de integrar valores culturais estabelecidos com a inovação arquitetônica necessária a esse tipo de projeto. A valorização da cultura local como elemento norteador do projeto arquitetônico do CIP, é utilizada por Marcelo Ferraz na constituição dos elementos tanto externos como também internos, presente na expografia. Baseado em dados históricos e culturais, desenvolve um percurso para o visitante imergir na temática do pampa gaúcho, sua motivação básica.

Por outro lado, por se tratar de um projeto que privilegia a exposição museográfica, tem também inserção no que se pode chamar de forma cívica, ou seja, o espaço público como lugar de convívio e expressão de poder da sociedade, a capacidade de aglutinação da cultura local tendo ares de sacralidade.

*Ciriane caracterizou de muito perceptiva a genealogia mista do museu como tipo na trajetória do movimento moderno: Os museus, como as igrejas, criam uma expectativa no público mais amplo. Espera-se que o projeto seja uma obra de arquitetura, e o arquiteto tem permissão para expressar-se com mais liberdade (FRAMPTON, 2012: 462).*

Os compartimentos internos à edificação seguem uma lógica determinada de imersão do expectador na temática do pampa gaúcho, a começar pela sala de recepção e acolhimento, contendo dois marcos de pedra utilizados na fronteira com o Uruguai; a seguir, o corredor de pedra que leva para o auditório subterrâneo mostra em suas paredes, vitrines e estruturas de apoio iluminadas contendo variados aspectos da vida e cultura do pampa; e, ao fundo, um som de vento simulando o vento Minuano.

O auditório subterrâneo será de formato irregular, com projeção de imagens sobre a história e cultura local, introduzindo o expectador na singularidade da região do pampa. Retornando do auditório ao nível do museu, tem-se um corredor com mapas mostrando a localização geográfica da região do pampa. Ao término do corredor chega-se a uma sala escura denominada de **sala de arqueologia**, contendo artefatos indígenas encontrados na região com iluminação focada, de efeito orientado.

Saindo da sala da arqueologia, adentra-se em um pavilhão denominado de **salão da cultura**, subdividido em várias seções interligadas pela ideia de demonstrar as características da população que habita o pampa. A primeira seção se chama sala da genética, circunscrita por uma cortina de fios plásticos de aspecto moderno e tecnológico, tendo ao centro uma mesa redonda e do teto para uma luminária com aspecto helicoidal simulando o DNA.

Depois da sala da genética, entra-se na **galeria do pampa**, com espaços delimitados com nomes relacionados à vida gaúcha, com vitrines de diferentes dimensões mostram peças e símbolos referentes ao mundo do gaúcho, bem como lendas e histórias. Está previsto o local de um nicho com lugar para sentar, onde o visitante poderá assistir audiovisuais variados sobre as referidas lendas e histórias um outro nicho terá como mote as lendas indígenas, no mesmo sistema de projeção audiovisual. No final do salão da cultura, haverá uma sala isolada intitulada **poetas do pampa**, dedicada a literatura e a música do pampa, onde o visitante poderá sentar-se em bancos para ouvir uma seleção de trechos clássicos da prosa e poesia gauchescas.

Continuando o percurso, dentro da edificação, que eram as ruínas de uma enfermaria militar e será um museu do pampa, chegamos as salas individuais com temáticas diferenciadas. A primeira delas é a **sala da natureza**, onde haverá uma grande mesa circular estampada com a paisagem do pampa, aparentemente deserta; sobre a plotagem da paisagem haverá botões que, ao serem acionados, disparam sons típicos de animais da região e na parede será projetada a imagem do animal. Na sala seguinte, as janelas estarão abertas a paisagem externa real e vitrines mostrarão a biodiversidade da região do pampa.

Quase terminando o percurso interno, chega-se ao **Memorial da Enfermaria Militar**, dividido em dois ambientes: o primeiro, com apoio de tecnologia multimídia, das técnicas de história oral para a obtenção de depoimentos, das janelas vedadas e de bancos, deverá permitir que o visitante veja e ouça testemunhos de cidadãos jaguarenses, os quais contarão histórias sobre a enfermaria militar, a vida que pulsava nela, o cotidiano de trabalho, etc.; e no segundo ambiente, as janelas estarão abertas e uma linha do tempo contará, de forma sucinta, a história da enfermaria no contexto da cidade e região.

Ao término dos compartimentos internos, temos duas salas, uma escura com projeção de audiovisual sobre guerras e conflitos históricos no pampa e sobre a criação de uma nova identidade supranacional; a outra, terá vitrines com relíquias dos antigos conflitos e também jogos interativos, cujo tema central é a vida na fronteira.

Esse relato descritivo tem a intenção de se assemelhar à leitura visual de uma planta baixa, de maneira que o leitor possa ir sentindo os diferentes espaços e compreendendo as possibilidades ali apresentadas para a construção conceitual do **CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO PAMPA**, possuidor de um rico conteúdo histórico, militar, cultural, social, econômico e político da região sul do Brasil, em especial do pampa gaúcho.

*A interpretação do patrimônio, em sua melhor versão, cumpre uma dupla função de valorização. De um lado, valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do lugar visitado; de outro, valoriza o próprio patrimônio, incorporando-o como atração turística. [...] E o que é interpretar o patrimônio? É o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar. (MURTA; ALBANO, 2002:13)*

#### A cidade de Jaguarão e a Enfermaria Militar

A cidade de Jaguarão localiza-se no extremo sul do país, na fronteira com o Uruguai, cerca de 380 km de Porto Alegre, essa cidade originou-se de um acampamento militar, no ano de 1802, quando das constantes disputas entre Portugal e Espanha pela região do rio da Prata.

O local tornou-se um importante centro de trocas entre uruguaios e brasileiros, com um comércio fronteiriço baseado na pecuária e agricultura, sendo fornecedor de matéria-prima para as charqueadas da cidade de Pelotas e posteriormente para os frigoríficos de multinacionais que se instalaram no Rio Grande do Sul no início do século XX, o que constituiu uma elite latifundiária que aplicou o excedente de capital em construções luxuosas.

*Desde muito cedo, as comunidades dos dois lados da linha divisória tenderam a prática de uma economia solidária e complementar, que as barreiras fiscais jamais conseguiram disciplinar. O famigerado contrabando, hostilizado pelos governos (nem sempre com muita sinceridade e coerência) e combatido pelas praças comerciais que ele prejudicava, sobreviveu a todas as perseguições (FRANCO, 2001: 18).*

Por ser uma região de conflitos, a cidade de Jaguarão sempre teve importante efetivo militar, demandando uma estrutura de apoio como quartel e hospital. Neste sentido, no final do século XIX, foi erguido um hospital militar que ficou mais conhecido como enfermaria militar, apesar de seu porte e pessoal médico envolvido.

*Ponto de passagem de exércitos em trânsito, foco de incipientes charqueadas, entreposto comercial à beira da fronteira móvel de duas nações em gestação, a Guarda do Cerrito não poderia ter sido uma idílica aldeia camponesa, obediente ao sino da igreja e aos sermões do vigário. Era certamente um lugar de vida aventureira, sujeita não somente aos respingos das refregas guerreiras, como ao impacto das ambições desatadas entre toda a espécie de pioneiros das ambições desatadas entre toda a espécie de pioneiros que se instalavam junto a fronteira (FRANCO, 2001: 39).*

O prédio foi construído em estilo neoclássico e contava com quartos para soldados e oficiais, capela, necrotério, farmácia, alojamento para soldados e pátio interno, bem como depósito subterrâneo para mantimentos. Sua lógica seguia os projetos urbanísticos relacionados ao sanitarismo vigente à época. A sua localização distante da cidade e numa elevação em que se tinha a visão panorâmica da cidade, foi importante para torná-la um marco para o imaginário da população local e alvo de inúmeras histórias e lendas, que passaram de geração em geração.

Sua importância para uma cidade do interior, periférica em relação à capital, foi enorme, visto que além de cuidar dos doentes também serviu como escola e local de instrução militar aos soldados que realizavam o serviço militar obrigatório. No final dos anos sessenta do século XX, houve a transferência da unidade militar estacionada em Jaguarão, ocasionando o abandono das instalações da enfermaria militar, que jogada à própria sorte foi depredada e transformou-se em ruínas que denotavam uma antiguidade não compatível com a verdadeira idade.

As ruínas a partir de então, serviram de abrigo a pessoas marginalizadas na sociedade, como usuários de drogas, bem como local de visitação esporádica de viajantes que, curiosos com a imponência das ruínas, tentavam decifrar o que ocorrera para ter chegado aquele estado. Em suas paredes foram feitas diversas inscrições de quem por lá passou, vestígios deixados na pedra onde outrora muitos sofrimentos testemunhou. Hoje em dia não há morador da cidade que não tenha uma história para contar relacionada ao prédio da enfermaria militar de Jaguarão; uma lenda que conheça de seus pais ou avós; e que sinta aquele patrimônio como algo inerente à comunidade, com valor afetivo inestimável, símbolo mesmo de parte da história da população jaguarense.

Por uma razão ou outra, aquele espaço destinado a atenuar o sofrimento humano foi relegado ao esquecimento, pelo menos por parte de quem era seu detentor institucional, servindo o local para atividades que em nada lembravam o que ali havia funcionado. Restaram as fachadas imponentes e corredores de pedra vazios, testemunhas inexoráveis da ação do homem. Em meados da década de oitenta, houve uma ação de educação patrimonial, efetuada por estudantes de arquitetura da Universidade Federal de Pelotas, com o intuito de evocar o passado daquele local e construir uma ideia de que o lugar seria um patrimônio a ser preservado e valorizado.

Esta conscientização patrimonial redundou no tombamento das ruínas da enfermaria militar como patrimônio histórico e artístico em nível estadual, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE), no ano de 1990. Com a crise econômica da década de noventa, os planos de revitalização do local ficaram bastante prejudicados, mas a preservação, em tese,

das ruínas foi parcialmente garantida, porque efetivamente a depredação continuou e a consequente deterioração física. O mais importante como resultado, foi a construção de uma consciência de valorização patrimonial entre a comunidade de que as ruínas da enfermaria militar eram parte importante da história da cidade e também como local de memória.

#### Problemáticas de revitalização do patrimônio cultural

Mas o que será diferente destas propostas anteriores em relação ao novo projeto do Centro de Interpretação do Pampa, e o que a presente proposta de dissertação visará acrescentar as tentativas anteriores? Pensamos ser importante nos valermos dos conceitos teóricos para entender processos que não são muitos claros à primeira vista, que podem deixar larga margem para o senso comum, ou mesmo a intencionalidade escondida dos atores institucionais. Neste caso, o que se entende como patrimônio cultural e como se aplica esse conceito à temática do projeto de dissertação.

A preservação de objetos de uso, mais especificamente de estruturas como prédios, estátuas, pontes e demais construções do homem, não era vista até recentemente como algo que fosse necessário para a constituição da memória e da identidade de um povo. Embora, desde a antiguidade ocidental, tenham havido determinações esporádicas de reconhecimento de determinado bem como de interesse para a memória, geralmente tratava-se de ícones relacionados ou ao poder instituído (memória oficial) ou a religiosidade.

*Dois traços – étnico e cronológico – marcam sua diferença em relação aos monumentos e ao patrimônio histórico ocidental. Todos os objetos que encantaram os atálidas, depois os romanos, são de origem grega. Com exceção de algumas obras do começo do século VI, eles pertencem exclusivamente aos períodos clássico e helenístico. Seu valor não se prende a sua relação com uma história a qual conferissem autenticidade ou permitissem datar, nem a sua antiguidade: dão a conhecer as realizações de uma civilização superior (CHOAY, 2006: 34).*

A revolução francesa foi a responsável no Ocidente, pela criação da noção moderna de patrimônio vinculado a valores artísticos e históricos que pertenceriam à coletividade, portanto passíveis de preservação e restauração. A causa disto foi a espoliação da nobreza e

do clero de suas propriedades, palácios, igrejas, que foram tutelados pelo estado francês, e embora símbolos de uma outra era que havia caído, eram importantes para lembrar ao povo o quanto foi penoso construir este patrimônio, e que em última medida deveria ser preservado para uso e educação do próprio povo.

*Fazendo dos monumentos históricos propriedade, por herança, de todo o povo, os comitês revolucionários dotavam-nos de um valor nacional preponderante e lhes atribuíam novos usos, educativos, científicos e práticos. Essa passagem à prática da conservação, assim como o conjunto das disposições e dos procedimentos inéditos elaborados para gerenciá-la, marcam, pela primeira vez, uma intervenção inovadora da França, na gênese do monumento histórico e de sua preservação (CHOAY, 2006: 119).*

Começaram a ser criadas as legislações para a proteção do patrimônio na Europa e Estados Unidos no final do século XIX, com entidades detentoras de poder de determinação valorativo do que era de interesse histórico e artístico. O conceito de ativação patrimonial, como forma de dar valor e sentido a preservação de um bem, tem valor político intrínseco, sendo que esta ativação pode ser realizada por meio institucional, ou mais raramente, da sociedade civil, aquela organizada em entidades de valorização do patrimônio cultural.

*Los repertorios patrimoniales también pueden ser activados, finalmente, desde la sociedad civil, por agentes sociales diversos, aunque, para salir adelante, siempre deberán contar con el soporte, o, cuanto menos, el beneplácito del poder. Sin poder, podríamos decir en términos generales, no existe el patrimonio (PRATS, 1998: 69).*

Podemos considerar, então, que a lenta evolução da ideia de preservação patrimonial alicerçada na cultura, foi advinda da necessidade de afirmação de certos grupos que queriam ver evidenciadas características que levassem o povo a crer numa origem comum, ligados por um laço de ancestralidade, que diminuiria as diferenças e conflitos. Também, após este período inicial de reconhecimento patrimonial, constituíram-se grupos especializados, amparados por uma legislação específica, que davam suporte a ativação patrimonial de determinados bens, os quais seriam preservados/restaurados, de acordo com o poder político dominante.

O prédio denominado de Enfermaria Militar de Jaguarão, construído em 1883 como instalação de saúde do exército brasileiro, foi ao longo do tempo mudando os usos do seu espaço devido às contingências de determinados setores institucionais e da comunidade. Podemos determinar três períodos distintos dos usos deste prédio. O primeiro período vai desde sua fundação, em 1883, até o final da década de 1950, com uso exclusivo como organização de saúde. O segundo período vai desde os anos 1960 até 1972, em que perdera sua função original e teve variados usos, tais como escola primária, depósito e moradia. O terceiro período vai desde 1972 até 2009, quando houve sua depreciação física, tornando-se ruína e culminando no lançamento do projeto de revitalização denominado de Centro de Interpretação do Pampa.

Dentro dos três períodos delimitados anteriormente, podemos classificar em consequência alguns grupos dentro da cidade de Jaguarão que ao utilizarem este espaço, em certa medida delimitaram a sua identidade e cultura perante si e a comunidade. No primeiro período, o grupo dos militares teve sua ação no local, com atividades diferenciadas normalmente da caserna, ou seja, no cuidado de doentes. Este tipo de atividade naturalmente levava a um relativo isolamento em relação a comunidade, tanto militar como civil, por causa do contágio e proliferação de doenças, que ao final do século XIX, tinha um controle muito menor do que na atualidade.

Local de dor e desespero, isolado em uma área fora da cidade, foi sendo criada uma certa imagem na consciência coletiva de como era percebido aquele local e sua relação com a cidade. Uma imagem associada ao sofrimento humano, embora soubesse ser necessária sua existência para a salubridade da população. Quando perdeu suas funções como hospital, novos grupos começaram a utilizar o espaço; em destaque uma escola primária de uma organização religiosa católica. Já então começa a modificar a percepção de identidade do local, de uma área de atividades militares, embora de saúde, com toda sua carga de simbolismo, para uma atividade de ensino, com suas variadas implicações.

*Para que exista um lugar, é necessário que às práticas sociais que lhe são constitutivas sejam relacionais ao espaço, tornando-o um “território de subjetivação” (Guattari, 1995). Isso significa que a sua dimensão espacial, em toda*

*a sua extensão simbólica e material, inclusive edificada, deve reter significados e incidir igual e reflexivamente sobre as ações que lhe atribuem sentidos. Disso resulta a relação multicausal necessária para a construção dos lugares (LEITE, 2007: 289).*

A utilização do local como escola foi um período muito curto para que se modificasse radicalmente o imaginário da comunidade sobre a antiga enfermaria. O que nos leva ao terceiro período de uso, com a transformação do prédio em ruínas, devido a uma certa depredação e à ação do tempo. Talvez o motivo que tenha levado à depredação de um prédio deste porte e antiguidade na comunidade, dentre outros, seja o imaginário relacionado a ser um local de sofrimento, de relativo isolamento. O fato foi que não havia uma valorização da antiga enfermaria como patrimônio, pelo menos a tal ponto que não impedisse sua destruição.

*O patrimônio está ligado ao tempo por sua evolução e por seus ritmos. Ele tem um passado, um presente e um futuro. Se o desenvolvimento se efetua no presente, portanto a partir de um patrimônio constatado a um dado momento, ele não pode ignorar suas origens então pode igualmente se limitar a consumi-lo sem nada criar de novo. Quanto aos ritmos, ou ao menos aos ritmos endógenos, eles são produto e resultado do patrimônio. Não se pode fazer nenhum desenvolvimento sem levar em conta os ritmos da vida local, que fazem parte integrante da cultura viva da população (VARINE, 2012: 20).*

Outros prédios existentes na cidade com a mesma antiguidade foram preservados, mesmo que suas destinações tenham se alterado, mas isto não ocorreu com a antiga enfermaria. Essa percepção nos leva ao terceiro período de uso do local, no qual houve sua ativação patrimonial como elemento importante na história e cultura da cidade de Jaguarão. Observa-se que no período de ruínas, de 1972 até meados da década de 80, a população continuou usando o local de variadas formas, ou depredando seu espaço físico, ou como local de lazer esporádico, ou de aglutinamento de grupos marginalizados da sociedade.

A partir de 2009 até o presente, desenrola-se a efetivação do projeto do CIP, sendo suas implicações objeto da dissertação. Aqui nos proporemos a analisar os pressupostos do ponto de vista do patrimônio e da cultura para a ativação patrimonial das ruínas da antiga enfermaria

militar, procurando determinar os motivos que levaram o Estado a preservá-lo e colocá-lo como ponto de partida de um projeto de revitalização.

A motivação para este projeto partiu institucionalmente, sem um envolvimento maior da comunidade no que tange a uma discussão mais abrangente das finalidades do projeto, ficando mais restrita ao âmbito político da prefeitura e da câmara de vereadores, com a participação de setores ligados a preservação patrimonial como o IPHAN e a gestão da Unipampa. Embora a ativação patrimonial tenha um caráter de representação de poder, a legitimação de parcela da comunidade é buscada inicialmente para uma maior agilidade burocrática nos meios institucionais; em seguida, e a partir desse estudo analítico, estima-se que a comunidade compreenda mais profundamente a razão de ser daquela construção histórica e sua valorização enquanto bem patrimonial.

A efetivação do projeto começou com a confecção do projeto arquitetônico pela empresa contratada e consequente licitação de empresa executora das obras, iniciadas em 2011. Atualmente, as obras se encontram em estágio inicial, mas já com a delimitação do local com cercamento e canteiro de obras, contando com visitas esporádicas de escolas e universitários do campus local. Além dessas atividades, não houve uma maior repercussão na comunidade no sentido de uma discussão e apropriação do local das ruínas da antiga enfermaria, que aliás sofrerão intervenção arquitetônica, modificando sua estrutura interna e externa, permanecendo somente a fachada como relíquia e referência de seus usos no passado.

A interação com a comunidade foi uma preocupação constante dos projetistas do Centro de Interpretação do Pampa, mas todas essas ações foram pensadas para serem potencializadas quando o complexo estiver finalizado. O que a presente proposta deste artigo coloca em evidência é a possibilidade de um procedimento de Educação Patrimonial que aconteça durante a construção e continue depois de acabada a obra, permitindo e motivando a comunidade a realizar a apropriação do patrimônio cultural revitalizado, dando a ele novo uso.

A Educação Patrimonial precisa ser inclusiva e formadora de reflexões sobre a história e a cultura de determinada manifestação, material ou imaterial, de determinado grupo social,

valorizando suas práticas e construindo um sentimento de pertencimento e bom convívio. Deve estimular a construção de uma identidade coletiva que traga desenvolvimento humano e reflexão do papel de cada indivíduo na sociedade, que dê oportunidade de crescimento pessoal, de pensar o eu fora da lógica consumista e imediatista da contemporaneidade.

Nessa direção, a proposta de construção de que o Centro de Interpretação do Pampa será um espaço que oportunizará a inclusão social precisa realizar-se com o diálogo entre o patrimônio cultural, que é a antiga enfermaria militar, sua história e lendas, e o novo uso que se dará, a ponte entre o passado e o presente. A proposta então cotejará essa premissa básica, que é a construção do conhecimento e a democratização do processo de formação de um patrimônio cultural revitalizado.

*Entendemos por gestión del patrimonio, pues, al conjunto de actuaciones programadas com el objetivo de conseguir una óptima conservación de los bienes patrimoniales y un uso de estos bienes adecuado a las exigências sociales contemporâneas (HERNÁNDEZ. TRESSERAS, 2007:15).*

## Considerações finais

A comunidade envolvida nestes processos de patrimonialização, quando não não fica totalmente alheia, é cooptada de forma inicial com vislumbres de perspectivas de desenvolvimento econômico, ou de formação de identidade alicerçada num passado que não é mais condizente com suas necessidades e modos de cultura. Embora tenha havido um avanço considerável nas políticas de preservação patrimonial, principalmente ao valorizar o patrimônio imaterial, ainda é tímida a abertura desses processos institucionais de preservação, principalmente no que tange a burocracia envolvida, a qual decide sobre esses processos, longe das comunidades envolvidas.

No presente caso analisado no artigo, vemos claramente esse processo se repetindo nas tentativas de revitalização das ruínas da antiga enfermaria militar de Jaguarão, sendo inegável as boas intenções dos projetistas, de transformar um local aparentemente abandonado em local de animação cultural. O problema é que tal espaço era, aparentemente abandonado, pois havia interações, mesmo que de ordem diversa do passado evocado, o qual serve de

justificativa para sua preservação. Havia uma cultura no local que não era evidenciada de forma bem aparente ao restante da comunidade, porque as ruínas já não tinham o mesmo significado de antes.

Como proposta, algumas ações poderiam envolver a comunidade e construir um conceito de valorização e conhecimento do novo espaço revitalizado. Uma delas poderia ser a criação de um *site* com informações básicas do projeto, do histórico da enfermaria militar, e do andamento das obras, democratizando o acesso à informação. Também visitas guiadas ao canteiro de obras, com explanação do processo de restauração das ruínas e de como ficará o novo complexo e possíveis formas de utilização pela população. Também à divulgação através de locais públicos como escolas e câmara de vereadores, capacitando disseminadores entre professores e líderes comunitários; em complemento, distribuição de material explicativo com linguagem clara e acessível sobre o projeto.

Também pensamos, que para ser exitoso o projeto do Centro de Interpretação do Pampa poderia estar sendo articulado como local para receber as demandas da comunidade e para que não se perca a identificação com o patrimônio cultural, que é a antiga enfermaria militar da cidade de Jaguarão; nesse sentido, se faz necessária a constituição de ações voltadas à Educação Patrimonial, aqui entendida como forma de democratização e valorização do patrimônio cultural revitalizado, e conseqüente apropriação do novo espaço pela comunidade, para que seja impulsionador da cultura e desenvolvimento social, passível de sustentabilidade.

Ao finalizar essa reflexão, lembramos que, na primeira tentativa de revitalização, houve a reação, o contra-uso daqueles que habitavam o entorno, fazendo a construção voltar ao aspecto de ruína; na segunda tentativa, ainda em processo, houve uma ruptura mais radical com o cercamento do local e intervenção maciça na ruína. Como esse processo está ainda em desenvolvimento, talvez a reação seja diferente, os contra-usos não consigam retomar a ruína, entretanto é quase certo esperar que haverá meios de resistência, se não houver uma ação cultural e educativa que ligue a comunidade com o novo local, de forma que a mesma possa vislumbrar aspectos que contemplem seu desenvolvimento humano, seja através da identidade

readquirida ou retrabalhada, seja através da memória antes oficial e agora social e coletiva, portanto uma memória que emerge do afeto pelo bem cultural reconhecido e legitimado.

Uma comunidade que encontra o caminho de ser ouvida coletivamente se sente valorizada e estimada. Quando gestores e autoridades, em diversas instâncias, valorizam o ser humano como ator social dando a ele a dignidade da escuta atenta e pró-ativa, esse ser em coletividade irá valorizar o patrimônio cultural, salvaguardando-o e dando-lhe uso adequado, conseqüentemente, aproveitando o equipamento cultural em benefício do crescimento ético e transdisciplinar em escala humana.

## Referências

**COSTA**, Heloisa Helena F. Gonçalves. **Atribuição de valor ao patrimônio material e imaterial; afinal, com qual patrimônio nos preocupamos?** In Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material/org. Claudia S. Rodrigues Carvalho, Marcus Granato, Rafael Zamorano Bezerra, Sara Fassa Benchetrit.- Rio de Janeiro: Museu Histórico nacional, 2008.

**CHOAY**, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. Ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

**FRAMPTON**, Kenneth. **História Crítica da arquitetura moderna**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

**FRANCO**, Sérgio da Costa. **Gente e coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

**HERNÁNDEZ**, Josep Ballart. **TRESSERAS**, Jordi Juan. **Gestión del patrimônio cultural**. Barcelona: Editora Ariel, 2007.

**LEITE**, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2º ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

**MURTA**, Stela Maris e Celina Albano/org.. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

**PRATS**, Lloreç. **El concepto de patrimonio cultural.** Política y Sociedad 27, Universidad de Barcelona: Madrid, 1998. pág. 63-76.

**VARINE**, Hughes de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local.** Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.